

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Pankararu 87

Data: 07/08/94 Pg.: 4-1 e 4-4

Índios viram 'peões de obra' nas favelas

Líder dos pancararus diz que são 1.500 em SP; eles afirmam ter sido expulsos de suas terras em Pernambuco - Pág. 4

Eduardo Knapp/Folha Imagem



Fernando Monteiro, pajé dos pancararus de SP, fuma "campiô", cachimbo com mistura de tabaco e alecrim

ÍNDIOS DO MORUMBI

“No mato a gente tem mais liberdade”

Índigenas dizem que gostariam de voltar para sua terra, mas que ficam na cidade devido às chances de trabalho

Terra em PE está ocupada

Da Reportagem Local

Os pancararus são, oficialmente, donos de uma reserva em Pernambuco com 8.100 hectares. Mas cerca de dois terços de suas terras estão ocupadas por 400 famílias de trabalhadores rurais.

Os invasores da terra têm o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT-PE).

“Há mais de 200 anos as famílias moram lá”, diz Januário Moreira da Silva Neto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia, filiado à CUT.

O conflito entre posseiros e índios está sob vigilância da Polícia Federal, que ocupa a reserva. O Ministério Público da União move ação para retirar os trabalhadores.

“Se a Funai arrumar outra área para os posseiros, a gente segue a determinação”, afirma Silva Neto.

A reserva dos pancararus foi demarcada em 1987, por decreto do então presidente da República José Sarney.

O decreto aumentou a tensão na reserva. Um índio foi morto e os posseiros decidiram só deixar a área após receberem novas terras.

A reserva fica na divisa de Pernambuco com Bahia, nos municípios de Petrolândia e Tacaratu.

A violência das favelas paulistanas já matou mais pancararus do que o conflito de terra. Cinco já morreram na cidade, segundo Fernando Monteiro dos Santos.

A última vítima foi Jair Selestino de Barros, 20, assassinado no último dia 24, na favela do Real Park.



Fernando, líder dos pancararus, se pinta antes da cerimônia semanal realizada pelos índios

Pancararus criam S.O.S. Índio Favelado

Da Reportagem Local

Os pancararus formam uma “rede de solidariedade” nas favelas de São Paulo. Há três anos, eles criaram o S.O.S. Índio Favelado, “entidade” mais de auxílio do que de reivindicação.

É comum os pancararus que chegam do Nordeste ficarem hospedados nos barracos de amigos ou parentes até conseguirem autonomia.

Os índios que já vivem em São Paulo também ajudam os companheiros a encontrar emprego.

O auxílio é fundamental. Com a carteira profissional em branco, eles só conseguem trabalho através da indicação de amigos.

A maioria sobrevive dos salários da construção civil, principalmente das construções de prédios no bairro do Morumbi.

Mas há índios trabalhando também como porteiros e vigias e, as mulheres, como costureiras. Muitos estão desempregados.

Quando procuram emprego, os pancararus não contam que são indígenas para evitar discriminação. E a identidade cultural passa despercebida. Os pancararus que vivem em São Paulo são mestiços —com peles branca ou preta.

Os rituais religiosos não são frequentes nas favelas por falta de espaço. Nas aldeias em Pernambuco, os pancararus celebram a fé em danças, vestidos em roupas feitas de sisal e maquiados.

Na favela Real Park, eles costumam se reunir uma vez por semana, nos próprios barracos, sob a liderança de Fernando Monteiro dos Santos, 25.

Santos faz o papel de pajé na favela. É o mais religioso de todos.

A crença dos pancararus se parece com o candomblé. Eles acreditam na existência de “encantados”, aos quais invocam para acessar Deus. Os “encantados” são espíritos que incorporam nos vivos durante os cultos.

Nos barracos do Real Park, os pancararus ostentam arcos, flexas, maracá (cabaça com pedra dentro), “campiôs” (cachimbos em forma de cone) e, principalmente, o praiá, um boneco de corda que simboliza o deus do grupo.

DANIEL CASTRO

Da Reportagem Local

A mais nova comunidade de imigrantes de São Paulo é formada por centenas de índios que moram em favelas e que trabalham na construção civil.

Eles são do grupo pancararu e viajaram cerca de 2.200 quilômetros em busca de emprego e de comida. Afirmam que foram expulsos de suas aldeias, em Pernambuco, por posseiros (leia texto ao lado).

Em São Paulo, os índios se concentram nas favelas Real Park e Paraisópolis, no Morumbi.

Segundo Fernando Monteiro dos Santos, 25, líder da comunidade indígena na favela Real Park, cerca de 1.500 pancararus moram na cidade. Em 90, diz Santos, eram cerca de 150.

A Funai (Fundação Nacional do Índio) considera esses números exagerados, mas reconhece que uma comunidade de pancararus se instalou em São Paulo.

Segundo a Funai, os pancararus são os primeiros indígenas a migrarem em massa para São Paulo. Até então, os únicos índios da cidade eram os guaranis, organizados em uma aldeia com 250 pessoas em Parelheiros (zona sul).

Em 1989, 3.676 pancararus viviam na reserva em Pernambuco, segundo censo da Funai.

Os primeiros pancararus migraram para São Paulo nos anos 60. Alguns voltaram para Pernambuco e contaram sobre as possibilidades

de trabalharem como pedreiros.

Sebastião Marcionilo Gomes, 44, foi um dos pioneiros. Nos anos 60, ele foi um dos primeiros moradores da favela Real Park, onde viveu durante oito anos. “Quando cheguei aqui isso era só mato.”

Hoje, Gomes é encarregado em uma empresa de pintura e ganha

R\$ 800 por mês. Tem um carro (Brasília) e casa própria em Interlagos.

Casou com uma branca e tem cinco filhos. Mesmo assim, diz que “larga tudo” e volta para a reserva se os posseiros deixarem a área.

José Pereira, 49, plantava mandioca e feijão em Pernambuco. Há sete anos, deixou a mulher e sete filhos na aldeia e veio para São Paulo

tentar “melhorar a vida”.

Pereira conseguiu emprego como pedreiro. Um ano depois, voltou para Pernambuco e trouxe a família para o Real Park, onde construiu uma casa de alvenaria. Hoje ganha R\$ 100 por mês num clube.

Como outros índios pancararus, ele vive o paradoxo de viver na cidade e, ao mesmo tempo, tentar manter as tradições dos ancestrais.

Sua casa está repleta de pôsteres do time do São Paulo. Neste ano, conclui a 8ª série do primeiro grau. Mesmo assim, não gosta da cidade.

“Sempre penso em voltar para a minha terra, mas lá a vida está difícil. Aqui tenho emprego”, diz Pereira. Seus filhos concordam. “Não gosto desse lugar. No mato a gente tem mais liberdade e não fica preso”, reclama Erivaldo, 18.

MORAM EM SÃO PAULO

1.500

pancararus, segundo líderes do grupo

MORAVAM EM PERNAMBUCO

3.676

pancararus, segundo censo da Funai em 89

FSP
07/08/94
capta 87

Eduardo Knapp/Folha Imagem



Índio pankararú veste traje ritual na favela Real Park, São Paulo; cerca de 1.500 índios, segundo seus líderes, deixaram a reserva invadida por posseiros em Pernambuco para viver em duas favelas e trabalhar na construção civil - Pág. 4-1